

0300428-31

1. Reynaldo Moura
2. No limiar de um mundo proximo
3. Correio do Povo
- 4.
5. Porto Alegre
6. Quarta-feira, 9 de dezembro de 1931.
7. n° 288
8. editoriais - colaborações
9. Bom
10. Lisiane S. Heemann
11. 28 de janeiro de 1996.

No limiar de um ~~(proximo)~~ mundo
proximo

(Especial para o "Correio do Povo")

Este inelutável sentido da vida abis na consciencia humana e cycle da permanente tragedia. livres do deslumbramento espectacular que bem pode ser o fructo de uma enfermidade, chegamos ao desespero ~~(o espirito)~~ de cerrar o espirito as inquerito eterno, para gozarmos o indizível repouso de todas as coisas no profundo fatalismo.

Loeb (1908), na luta contra os vitalistas, que são os últimos crentes deste crepusculo divino, revelou o principio creador do desejo, assignalando a existencia das incoercíveis atrações, systematizando o phototropismo universal. Qual é a força que impulsiona a doirada palpitação do insecto para a luz? Phototropismo! É toda

a misteriosa mechanica das reacções de um pequenino cerebro. Lá dentro, o baflado secreto dos elementos, gera a mortal atracção.

O impulso da mariposa e o septicismo de Kenan são dois grãos na fatalidade cosmica. Haverá diferença na natureza desses dois phenomenos?

O ~~em~~ instinto dos povos fez do vidente o fetiche de sua inquietação. Ha nove seculos, levados pela mão pallida e ardente de Omar Katán caminharíamos entre os mercados daquelles perfumes que moveram para a eternidade, dentro da desolada luz, na saphira do dia, em busca do propheta. E da bocca do homem taciturno ouviríamos o depoimento da hora presente, a palavra de sonho das anticipações.

A loucura de uma estranha philosophia parece já ter tacteado, no vago mysterio das coisas, a anatomia allucinante do tempo, trazendo para o instante de vida a dôr e o encanto dessa supralida de mil cores.

O propheta dizia todas as coisas que haviam de ser, porque já as conhecia quando ainda ellas não eram na sintonia com a realidade. Estavam na fia vontade do cosmos, no espasso desejo da invisivel equação.

É inútil o inquerito deste instante. A vida não guarda nos destroços de seu passado, a impressão dos factores que a tornaram diferente. No seu cyclo a historia assignala auroras do espirito fecundando, com o pollem de sua mysteriosa luz, as grandes renovações e os movimentos tentaculares dos povos.

É uma pura sensação espectacular.

É só a visão exterior, o espantado da forma, como a maravilha da crystallisação cujo edificio final surprehendemos nos seus arestas de transparencia e claridade, sem que ponemos desreender o mecanismo intimo de sua formação, que se perde no vago encanto das cogitações philosophicas.

Nesta hora que é como um arco de triumpho do que ha de vir, e por onde se precipita numa indissipavel embriaguez a humanidade, emvenenada pelo magnetismo do instincto que a governa, todas as coisas ganham uma nitidez de convalescença, um carmin de belleza desvirginada, como si o mundo se maquillasse para dar-se inteiro á alegria emvduente de uma primavera desconhecida.

Comegamos a sentir a proximidade de novos campos de forças, no sentido moral. Conhecemos por sortilegio a quasi presença do invisivel Rei, que nem não se sabe de onde, palpita nos azas do novo profundo descontrolé

A cerebral, propaga no ambiente do mundo e magia dos destinos novos.

Alguns phenomenos isolados parecem definir a estrutura de que ainda não chegou. No amor, que é o crime da eternidade contra o homem, nasceu o conceito moderno da vida, transbordando os limites de sua antiga (monetomia) monstrosidade, desprestigiando o poder pela beleza crescente da realidade. E os homens sem a inutilidade da lei subjetiva que os restringia antes, (sem) veem no amor a enfeitante alegria, e não mais a tragedia animal que criara o peccado e fizera dos jardins mortos na Biblia, a saudade da carne.

Na vida mental como na vida amorosa, todas as formas da realidade primitiva diluem-se no novo ether, como a cor dos vapores quebrados da madrugada, no silencioso despertar.

Como explicar este estado de alma colectivo que derramou sobre o mundo a inquietação e a esperança? Não são dissecáveis os factores desta, apparente anomalia, porque elles por si sós nada explicam. Traçam de não sei onde a origem de sua existencia, as linhas mestras de seu destino ineluctavel.

Nós não somos mais que os eternos illudidos, nesse torneio do tempo que escondo no futuro os phantasmas imprevis-

tos cujas vestes iemos usar.

Estado
Potomac

Reinaldo Moura